



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CLARICE EMANUELLE DE SOUZA LIMA

**NOVA MODELAGEM FEMININA: UMA HISTÓRIA DO USO DA CALÇA
COMPRIDA PELAS MULHERES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

GUARABIRA – PB

2021

CLARICE EMANUELLE DE SOUZA LIMA

**NOVA MODELAGEM FEMININA: UMA HISTÓRIA DO USO DA CALÇA
COMPRIDA PELAS MULHERES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento do
Curso de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito à obtenção do título de
Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva

GUARABIRA – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732n Lima, Clarice Emanuelle de Souza.
Nova modelagem feminina [manuscrito] : uma história do uso da calça comprida pelas mulheres na primeira metade do século XX / Clarice Emanuelle de Souza Lima. - 2021.
30 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História - CH."
1. Calça comprida. 2. Mulheres. 3. Moda. 4. História. I.
Título

21. ed. CDD 900

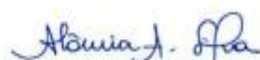
CLARICE EMANUELLE DE SOUZA LIMA

**NOVA MODELAGEM FEMININA: UMA HISTÓRIA DO USO DA CALÇA
COMPRIDA PELAS MULHERES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

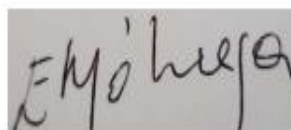
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de Licenciada
em História.

Aprovada em: 06/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

Aos meus pais, Josemar Ferreira e Maria José,
por todo apoio, ao meu esposo Fellipe Marcel
e a minha filha Helena Vitória. Também aos
anjos que olham por mim, minha neném
Larissa e meu melhor amigo Gustavo.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, com certeza, foi percorrer um caminho cheio de dificuldades. Na maioria das vezes, acreditei que não seria capaz de conseguir, mas, graças a Deus e as pessoas que estão sempre comigo, foi possível traçar a trajetória de maneira mais leve. Por isso, agradeço primeiramente a Deus, por me dar o sustento até aqui. Aos meus pais, Josemar Ferreira e Maria José, que fizeram sempre o possível e o impossível para me ajudar e incentivar a continuar na faculdade e por todo o incentivo oferecido para realizar meus sonhos, agradeço a vocês por não me deixarem desistir. Ao meu esposo, Fellipe Marcel, por sempre me apoiar e por dar forças mostrando que sou capaz.

Agradeço aos meus professores e professoras por toda a ajuda, empatia de sempre e conhecimento, em especial, a Professora Alômia Abrantes, que me orientou para a realização desse trabalho e compreendeu o momento que estou passando devido à gravidez. Obrigada, professora, pela paciência, toda a ajuda e ensinamentos! Agradeço, também, as minhas amigas de curso, à Fernanda Oliveira, Aldiany Luna, Thalita Furtado, Kátia Pontes, Lavynnia Thereza e Cláudio Regis que estiveram sempre me ajudando e partilhando os melhores e piores momentos. Ao meu amigo, Ivo Emanuel, pois sem ele não estaria aqui.

Por fim, muito obrigada a minha filha, Helena Vitória, que ainda no forninho está me dando a força necessária para poder continuar. É por você filha! Agradeço de coração a todos que fazem parte da minha vida e me ajudaram de alguma forma até aqui. Vocês foram essenciais durante essa trajetória. Obrigada!

“A moda não é algo que existe apenas nos vestidos. A moda está no céu, na rua, a moda tem a ver com as ideias, a maneira como vivemos, o que está acontecendo”.

Coco Chanel

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 UMA BREVE HISTÓRIA DA MODA	12
3 COCO CHANEL E A HISTÓRIA DO USO DAS CALÇAS COMPRIDAS PELAS MULHERES NO SÉCULO XX	17
4 PERCURSOS E PERCALÇOS: AS CALÇAS COMPRIDAS FEMININAS NO BRASIL	22
4.1 A(s) pioneira(s) no uso das calças compridas no Brasil.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29

NOVA MODELAGEM FEMININA: UMA HISTÓRIA DO USO DA CALÇA COMPRIDA PELAS MULHERES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Clarice Emanuelle De Souza Lima *

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar a história da calça comprida e seu uso pelas mulheres na primeira metade do século XX, enquanto um artefato que representa aspectos da moda e da história, atravessado pelas questões de gênero. Para isso foi necessário identificar, através de um levantamento bibliográfico, a atuação de mulheres que reivindicaram o uso da calça comprida como marca de ruptura em relação aos modelos de submissão e/ou de restrição aos direitos das mulheres. Dessa maneira, discute como a moda da calça comprida para mulheres foi sendo apropriada e divulgada pela imprensa no país, em particular pela *Revista da Semana*, editada no Rio de Janeiro, acompanhando as mudanças sociais que tanto correspondiam aos projetos de modernização da sociedade brasileira, quanto às reivindicações das mulheres pela ocupação de outros lugares sociais. Procura-se então, demonstrar a conexão entre moda e história, compreendendo as vestimentas como forma de comunicação e expressão, que enunciam significados diversos acerca dos lugares sociais, das construções históricas das identidades de gênero.

Palavras-chave: Calça Comprida; Mulheres; Moda; História.

ABSTRACT

This article aims to present the history of long pants and their use by women in the first half of the twentieth century, as an artifact that represents aspects of fashion and history, crossed by gender issues. To this end, it was necessary to identify, through a bibliographical survey, the actions of women who claimed the use of long pants as a mark of rupture in relation to models of submission and/or restriction of women's rights. In this way, it discusses how the fashion of long pants for women was being appropriated and disseminated by the press in the country, particularly by *Revista da Semana*, published in Rio de Janeiro, following the social changes that corresponded to the projects of modernization of Brazilian society, as well as the demands of women for the occupation of other social places. The aim is to demonstrate the connection between fashion and history, understanding clothing as a form of communication and expression, which enunciate various meanings about social places and the historical constructions of gender identities.

Keywords: Trousers; Women; Fashion; History.

*Concluinte do curso de Licenciatura em História – UEPB. E-mail: clariceemanuelle2@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Ao referir-se sobre a História da Moda, diferentes expressões foram fundamentadas ao longo do tempo, com transformações através de movimentos sociais e culturais que tanto refletiram quanto influenciaram modos de vida de determinadas sociedades e contextos, principalmente através das vestimentas e adornos corporais. Pensando nisso, o presente artigo tem como objetivo apresentar a emergência da moda da calça comprida em uma perspectiva histórica, identificando como esta passou a ter seu uso reivindicado e apropriado pelas mulheres. Neste âmbito, considera a contribuição de mulheres ativistas que trouxeram a questão para o âmbito das lutas pelos direitos das mulheres e a contribuição da estilista francesa, Coco Chanel, quanto ao uso destas pelas mulheres nas primeiras décadas do século XX, lançando um olhar para este uso no Brasil, procurando discutir os significados desta moda no campo das reivindicações e conquistas sociais das mulheres na primeira metade do século passado.

Nome marcante na moda internacional, Coco Chanel representou no mundo da moda, como se sabe, um grande impacto, em especial pela sua própria trajetória, que é representativa da introdução das mulheres no mundo então majoritariamente masculino da alta costura, quanto por inovar nas concepções de modelagens, adornos e usos de vestimentas pelas mulheres, que historicamente vieram a representar mudanças sociais importantes daquele contexto. E isso, como se procura aqui demonstrar, é possível perceber em especial na apropriação do uso das calças compridas com uma modelagem exclusivamente criada para o uso feminino.

Sobre a moda, como coloca Talita Oliveira (2013, p.1), considera-se para esta reflexão, que se trata de “um fato social, abrangendo as esferas sociais, econômica e cultural, resultando em questões de expressão e identidade social, sendo uma indústria de significados”. Ao longo dos anos, a moda se faz presente não apenas através das vestimentas, mas, também, pelo seu reflexo que formula expressões e atitudes que caracterizam parâmetros culturais e acontecimentos que permeiam a sociedade, ou seja, é capaz de apontar e associar fatos históricos. A moda, por conseguinte, é capaz de enunciar existências, representar realidades e perspectivas históricas de diferentes sujeitos e/ou grupos.

A conexão entre história e moda, por sua vez, segundo Mauren Benincá (2018), encontra-se no panorama que considera a moda como um dos identificadores do “espírito do tempo”, em que é perceptível uma organização e hierarquização que acaba por mediar as relações sociais. De fato, a maneira de se vestir está atrelada ao contexto de determinado

momento histórico. No final do século XIX e na primeira metade século do XX, percebe-se, por exemplo, a marca de subversões, das descobertas e das críticas que refletiram em mudanças sociais e comportamentais por todo o mundo, atreladas às concepções de vida moderna. Em especial, aquelas que remetem a uma maior visibilidade das mulheres urbanas em espaços públicos, e de movimentos que para estas reivindicavam direitos à educação, ao voto, à profissionalização. Por isso, compreendem-se problemáticas que podem ser analisadas criticamente, em que as vestimentas proporcionaram distinções sociais e de gênero, assinalando o início de uma ruptura do aprisionamento de mulheres a seguir um único estilo de vestimenta que correspondesse às normas do patriarcado¹.

Como explica Marlene Strey (2000, p.148-149), apropriando-se de Eicher e Roach-Higgins, “a diferenciação de gênero através das roupas começa desde o nascimento: embora a criança recém-nascida possa ser vestida mais “neutralmente”, logo começará a ser ataviada segundo as prescrições de sua cultura”. A autora coloca ainda que as roupas femininas, durante a maior parte da história moderna, geraram em torno da questão da maternidade, centrando o interesse no busto e no estômago. O vestido, como praticamente única peça do vestuário das mulheres por muito tempo, variou de uma noção de debilidade e fragilidade, a de liberdade e liberação com o passar do tempo. Com isto, Strey reforça que “o vestir precede à comunicação verbal ao estabelecer uma identidade individual de gênero, assim como as expectativas para outros tipos de comportamento (papéis sociais baseados nesta identidade)”.

Para então apresentar aspectos desta conexão entre moda, história, através da emergência e apropriação de uma peça de vestimenta, a calça comprida, pelas mulheres, discutindo seus significados sociais, busca-se sintetizar aqui o resultado de uma pesquisa bibliográfica, bem como de uma breve investigação que pretendeu rastrear momentos em que na imprensa brasileira essa questão ganhou fôlego. Esses rastros foram observados através da *Revista da Semana*², editada no Rio de Janeiro e com circulação em várias capitais brasileiras, privilegiando-se exemplares de 1930 a 1950, bem como em *sites* de notícias e/ou especializados em moda que abordaram e atualizaram o tema. Importante ressaltar aqui a relevância da imprensa como fonte para este estudo, em especial as revistas, que como coloca Monica Velloso (2010), por suas mais diversas estratégias comunicativas, verbais e não

¹ Sabe-se que o conceito de patriarcado é muito abrangente. Aqui é compreendido enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, que permite visualizar que “a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política”. Como coloca Morgante e Nader (2014, p.03), o patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais.

² A *Revista da Semana* começou a circular em 20 de maio de 1901, fundada por Álvaro de Teffé, e logo passou a pertencer ao *Jornal do Brasil*, fazendo parte do rol das revistas ilustradas que a alçaram a um local de prestígio na imprensa brasileira no contexto da Primeira República, como explica Luca (2018).

verbais, historicamente constrói um lugar estratégico, seja como espaço de veiculação de suas ideias, possibilitando a articulação de projetos político-culturais, seja por deste modo participar ativamente da constituição de sentidos e valores.

Para melhor organização, inicia-se por uma contextualização da história da moda, para depois recortar a história da calça comprida como peça de vestimenta também feminina, situando Coco Chanel e sua importância, e em seguida, aspectos relacionados ao seu uso pelas mulheres no Brasil neste contexto.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DA MODA

A moda é uma forma de expressão de diversas camadas sociais, associadas às múltiplas concepções estéticas e visões de mundo. Com as variações de estilo são percebidas diversidades sociais e culturais em diferentes temporalidades e espaços. Através da moda, de acordo com Rochelle Santos (2010, p. 6), é possível identificar posições sociais do sujeito e posicioná-lo em uma sociedade, assim como, pode ditar transformações e formas de emancipações, como no uso das calças por mulheres no século XX.

Essas definições de mudanças associadas a moda perpassam pelos tempos históricos e desenvolvem referências que articulam o passado com o presente. De acordo com Georgia Santos (2006), os parâmetros que servem para realizar a análise do fenômeno da moda foram elaborados ainda no século XIX, que acabou por se tornar fundamental para a distinção entre classes. Entretanto, mesmo que as elaborações intencionais sobre a moda tenham sido desenvolvidas na contemporaneidade, é importante notar que as vestimentas anteriores a esse período acabaram por influenciar nos comportamentos e na vida social dos grupos que compuseram a sociedade europeia ocidental.

A moda possui um caráter representativo e com significâncias próprias que acabam por delinear uma cultura em certo contexto e, assim, tem características transitórias e apresenta-se com renovação constante sendo presente em todos os períodos históricos (BRAGA apud. SILVA e VALENCIA, 2012). Na Idade Média, por exemplo, a moda possuía uma grande variedade, o que resultou no contraste de vestimentas femininas e masculinas. O período medieval, possibilitou, de alguma forma, os reflexos na moda de seus valores sociais e culturais, muito marcados pela religião cristã e suas convenções. Diante de uma cultura histórica, o período medieval é associado à intolerância e a submissão das mulheres como marcas que atingem tal denominação como sendo censurável ao moderno, entretanto, existiam diversos campos da cultura popular e manifestações artísticas que propiciaram valores

coletivos (SILVA, 2019), que possibilitavam a preocupação referente ao modo de se vestir. Segundo Santos (2006), podemos entender as variações da moda entre homens e mulheres nesse período:

Uma das roupas características do período entre 1380 e 1450, a *houppelande*, viria a ser conhecida como “beca”, ajustada nos ombros e por um cinto na cintura. Seu comprimento variava, sendo mais longa para cerimônias. As mangas eram extremamente amplas e, às vezes, tão compridas que tocavam o chão. Possuía uma gola alta e reta, chegando, por vezes, até às orelhas, sendo as bordas cortadas em formato espetaculares (...). As mulheres, em geral, vestiam-se de maneira menos extravagante que os homens no que se referia à forma das roupas. A peça principal de seu vestuário era o vestido, justo até a cintura e, logo, abrindo-se em saia ampla que caía em pregas. As mangas eram tão justas que tinham de ser abotoadas na parte de baixo, eram longas o bastante para chegar ao meio da mão (SANTOS, 2006, p. 53).

Com a citação, pode-se ver a presença das distinções entre homens e mulheres nessa temporalidade, em que as mulheres acabavam por não se sobressair aos homens quanto aos detalhes das roupas. Essa ideia pode estar associada a perspectiva de poder ligado aos homens e da submissão determinada às mulheres, alvo das opressões religiosas no período medieval. Com essas ideias, compreende-se um começo da perspectiva de moda, como aponta Valéria Brandini (2009), considerando que os vestuários, como expressão da moda, caracterizam um acontecimento que se iniciou no século XII.

A partir do século XIV tornou-se comum a utilização de vestes sem lados, com o efeito de espartilho apertado que começava a ser explorado, sendo referente à modelagem do corpo feminino levada à elegância. Portanto, essa ideia expandiu-se à modernidade e promoveu ordenações da moda feminina durante um longo período, em que as mulheres estavam presas a seguir uma única forma de vestimenta: a considerada “decente”. Dessa forma, a moda foi alvo de mudanças significativas, com a intenção de acompanhar o processo de modernização.

Segundo Silva e Valência (2012), as cortes europeias passaram a propor a criação de uma identidade própria que as diferenciasse de outras, através das vestimentas, com o reconhecimento da moda com validade para a assimilação da nobreza. Dessa forma, compreende-se como a moda dita costumes, valores e a diferenciação entre o “eu” e o “outro”. A moda no período moderno é o reflexo da etiqueta das cortes, da riqueza e das distinções sociais evidenciadas através do vestir. As saias volumosas e os espartilhos das mulheres pronunciavam o prestígio social.

A partir do século XIX, nomeado como o século das mudanças, têm-se transformações, e na moda não foi diferente. Surge o início da moda contemporânea, com

estilos diferenciados do que já estavam acostumados. A princípio, as roupas eram mais sofisticadas e mais elaboradas. Essa ideia pode estar atrelada ao processo de urbanização e industrialização que ocasionou numa mudança da vida social, em que refletiu nos novos trajes que surgiram. Diante disso:

Mudanças nas relações sociais e de gênero estão “estampadas” na expressão de moda em emergência no século XIX. A extravagância no traje tornou-se seara feminina e o mundo masculino passou a explorar outras formas de representação do status: se até o século XVIII a espetacularidade no traje masculino constituía uma forma aristocrática de representação de poder, novas convenções sociais, entre elas, a banalização do luxo ostentatório entre a aristocracia, a projeção do corpo humano como extensão do trabalho e a condenação do homossexualismo (sic) em países como a Inglaterra, a partir do século XVIII, reduziram a espetacularização no traje do homem, tornando-o escuro e sóbrio (BRANDINI, 2009, p. 76).

Com essas afirmativas, é possível entender o processo de transformação da visão masculina/feminino nas vestimentas. Enquanto no período medieval e moderno os trajes masculinos extravagantes eram sinônimos de poder, a partir do século XIX, com a formação de novos pensamentos em torno do corpo humano, tem-se uma inversão, no qual as mulheres passam a utilizar o estilo como forma de elegância, e o poder masculino sendo demonstrado a partir das vestes de suas esposas e filhas.

O processo de industrialização acabou por trazer tendências através de uma padronização das vestimentas, pois o trabalhador se uniformizou para o exercício do trabalho nas fábricas, o que nos faz entender o estímulo do capitalismo em fazê-lo comprar produtos, incluindo as vestes (BRANDINI, 2009). É, pois na modernidade ocidental que se dissemina o uso das calças compridas pelos homens das diversas classes sociais, quer vinculadas ao esporte, ao trabalho e demais compromissos sociais.³ No início do século XX, as roupas masculinas tendem a ficar ainda mais sérias, sendo cada vez mais padronizado o uso de calças compridas, paletó, colete e gravata para os homens.

Assim, entende-se que o processo de mudanças entre o masculino e feminino, bem como, a industrialização e o capitalismo, foram os primeiros passos para compreender as novas modelagens que passaram a ser recorrentes e valorizadas especialmente pela criação, costura e fabricação de roupas. Assim, surgiram novos padrões de consumo da moda que

³ Achados arqueológicos recentes indicam que as calças compridas mais antigas de que se tem registro material remetem ao quarto milênio a.C, utilizadas por pastores na China. Antes disso, acreditava-se que sua mais antiga presença teria sido entre os persas; em ambas situações, utilizadas como vestimenta para proteção do frio e para melhor adaptação à cavalgada. Seu uso é variado ao longo da história, mas sua adoção como vestimenta básica masculina no ocidente remete, pois, aos últimos séculos da era moderna, em especial com o processo de industrialização. Lembrando ainda que, em 1871, sua versão mais resistente, as “calças jeans”, foram desenvolvidas pelo alfaiate Jacob Davis. (CAMARGO, 2019)

possibilitou, também, o começo do uso das calças compridas, com modelagens especificamente femininas criadas por Coco Chanel, que serão refletidas no século posterior.

Entretanto, mesmo considerando as muitas e significativas mudanças, foi perceptível através das investigações, as permanências dentro da moda, em que mulheres ainda obtinham um caráter de vestimenta mais discreto, reservado. As alterações devem ser consideradas numa perspectiva bem gradativa, entre continuidades e rupturas, pois, ainda naquele momento, era um período de abertura dos debates que impulsionariam a consciência feminina. Dentro disso, entende-se que os sujeitos passam por um processo de adaptação, portanto, não se deve criar perspectivas generalizantes dentro das observações da utilização das vestes.

No final do século XIX, nota-se que já havia mudanças significativas que proporcionaram o desenvolvimento da modelagem da calça comprida feminina, no entanto, nem todas as mulheres aderiram a essa nova vestimenta no início do século XX, sobressaindo-se as vestimentas propostas dentro de um caráter considerado mais recatado, embora já com as marcas das mudanças advindas com a modernidade: tecidos mais leves, saias menos longas, roupas de caimento mais ajustado às silhuetas. Mesmo com mudanças em curso, vê-se que no Brasil, ainda nos anos 1930, prevalece a moda de influência europeia advinda com a *belle époque*⁴, como pode ser visto dentro das representações da *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, em 1930:

⁴ Conforme Pires (2014), a *Belle Époque* em seu contexto mundial tem início com a II Revolução Industrial na segunda metade do século XIX. Expandindo e interligando as redes de contato para o mundo através de linhas ferroviárias, navios e outras invenções ligadas aos meios de comunicação, o que implicava em velocidade e modernidade, acabou por influenciar a cidade do Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras, que no início do século XX passam por amplas reformas urbanas e sociais, para as quais a Europa, e a estética parisiense, em particular, era o modelo de civilidade a ser seguido.

Figura 1 – Representação da moda na “Revista da Semana”, 1930.



Fonte: Revista da Semana. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1930, nº 26, p. 31.

Nota-se que na primeira metade do século XX, ainda costumava-se usar bastante saias e vestidos longos ou à meia perna, soltos. Nas representações acima, apresenta-se a elegância exigida nessa temporalidade, em que mulheres, deveriam estar dentro do aspecto dito “clássico”. Os tecidos de lã eram decorados com desenhos pequenos e alinhados aos tecidos lisos, tornando um conjunto interessante para o contexto. Essa roupa pode ser analisada dentro da distinção entre mulheres e homens, propondo que existe “coisas de mulher” e “coisas de homem” específicas. Assim, com esse estilo proposto, é evidente a imposição de uma maneira que normatiza o comportamento feminino pelas características de suas vestimentas: discreta, elegante, associada a uma cuidadora do lar que se moderniza, sem deixar de desempenhar as tarefas tradicionais preconizadas para as mulheres, como a maternidade, a estar dedicada ao bem-estar do outro e do homem. Isto, obviamente, como uma moda que é ditada e apropriada, especialmente, para as mulheres das camadas altas e médias da sociedade.

As mudanças no estilo de vida, integrado a vida urbana do século XIX, influenciaram diretamente na vida das mulheres. Contudo, o seu papel permaneceu concentrado no ideal da maternidade, uma mulher dedicada à família, como cultivado pela moral burguesa. Portanto, esse reflexo da vida urbana do final do século XIX e primeira metade do XX, é visualizado na integração das mulheres na sociedade, desde que cumpram com o seu papel de ser mulher, naquele momento. Assim, Maria Ângela D’Incão (2018, p. 238) mostra que “os círculos

sociais se ampliam, as mulheres da elite saem às ruas e salões exibidos e *coquettes* (...) as normas de comportamentos tornam-se mais tolerantes, desde que se mantenham as aparências e o prestígio de boas famílias”. Ainda com a da mesma edição, mesmo com a abordagem das mulheres recatadas, pode-se perceber o novo estilo urbano:

Jaquetinhas, boleros e blusas: Com todos os trajos – de sport, da manhã, da tarde, de vestir elegante – tanto dia como noite não se veem senão jaquetinhas, boleros e blusas. As jaquetinhas usam-se com mangas ou sem ellas, e admittem as maiores variedades com respeito a largura e comprimento. As jaquetinhas sem mangas são, afinal, colletes: fazem-se de Jersey, de lanilha, de tons vivos. (Jaquetinhas, boleros e blusas – Paris, maio de 1930. Revista da Semana. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1930, nº 26).

Diante do que foi demonstrado na *Revista da Semana*, entende-se como um novo estilo estava sendo integrado às percepções sociais. A moda dita transformações e reflete uma realidade. Portanto, o uso das jaquetas na primeira metade do século, demonstra uma abertura das vestimentas dentro da concepção de urbanização e industrialização, mesmo que ainda “por cima” dos vestidos recatados. Dentro de todas essas transformações, o uso das calças começa a se fazer presente ainda no mesmo século.

3 COCO CHANEL E A HISTÓRIA DO USO DAS CALÇAS COMPRIDAS PELAS MULHERES NO SÉCULO XX

Para compreender a contextualização do uso das calças femininas no século XX é importante atentar-se para quem as criou. A estilista e fundadora de uma das maiores marcas do mundo, Chanel S.A. ou Coco Chanel, nasceu na França em 19 de agosto de 1883. Com a sua trajetória traçada no século posterior, Gabrielle Bonheur Chanel, é considerada uma das cem pessoas mais importantes do século XX, pelo seu impacto tido por revolucionário no âmbito da moda.

Tratando-se da estilista, é importante destacar que sua vida não foi fácil como muitos pensam – já que se compreende a influência da marca por todo o mundo – pois, aos 12 anos de idade, Coco Chanel teve que enfrentar o primeiro desafio: perder a sua mãe, Eugénie Jeanne Devolle, para a tuberculose com 31 anos. Com a morte de sua mãe, Coco Chanel e sua irmã foram deixadas no internato para moças de Nossa Senhora da Misericórdia pelo seu pai Albert Chanel, o qual nunca mais voltou para buscá-las. Portanto, entende-se que como

Gabrielle Chanel não possuiu uma relação com os pais durante a vida, teve que apoiar-se em si mesma⁵.

Aos 18 anos, Chanel foi morar em uma pensão para jovens católicas e costumou-se a inventar histórias sobre suas origens. Logo depois, começou a trabalhar como cantora em um café/cabaré, dando surgimento ao seu apelido “Coco”. *La Rotonde*, local em que Coco trabalhava, foi sua chave para conhecer Etienne Balsan, um socialista herdeiro de uma fábrica de tecidos, que havia deixado o exército para criar cavalos. A partir de um relacionamento amoroso com Etienne, Coco Chanel passa a frequentar a alta classe e os melhores ambientes. Em uma das festas encontrou o amor da sua vida, Arthur Capel, um milionário inglês que foi importante na carreira de Coco, pois foi quem contribuiu com investimentos e a ajudou a abrir a sua primeira loja de chapéu que logo esteve com seu nome em todas as revistas de moda de Paris.⁶

Nesse processo de desenvolvimento para Coco Chanel, iniciou-se o aperfeiçoamento em costura. Chanel deu mais uma reviravolta na sua vida, vendeu sua loja de chapéu e abriu seu primeiro ateliê de costura, onde descobriu seu talento para desenhar e começou a vender roupas desportivas e também produziu as primeiras calças femininas; seu estilo percorreria o mundo todo no século XX, tendo criado o *tailleurs* de jérsei, malha de toque macio e sedoso e com aspecto elástico; como suas maiores referências, as peças confortáveis sem muito ‘enfeite’, saltos baixos, chapéus discretos, vestidos sem espartilhos, além da moda revolucionária de calça comprida para mulheres que provocou grande impacto no mundo da moda e dos costumes.

Ao que se sabe, Coco Chanel nunca quis casar e ter filhos, sempre independente, colocava sua carreira acima de tudo, o que a perfila em um lugar de transgressão em seu contexto. Declarou-se abertamente feminista e realizada com sua profissão, o que tentou demonstrar nas suas modelagens das roupas femininas, na intenção de refletir e despertar a independência das mulheres francesas no século XX. Passou a morar, praticamente, em hotéis para não se sentir vazia. Em um deles, Hotel Bitiz, no qual viveu por 10 anos, foi encontrada sem vida devido a um infarto, mas antes de morrer ela já tinha deixado desenhada a nova

⁵ Informações retiradas do *site*: HEYMANN, Gisela. Coco Chanel, a revolucionária da moda. 05 de maio de 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/coco-chanel-a-revolucionaria-da-moda/> Acesso: 18/09/21.

⁶ Essas informações foram inspiradoras para o filme “Coco antes de Coco”, lançado no ano de 2009 no Brasil. O filme traz uma abordagem da trajetória de vida de Gabrielle Bonheur Chanel e o processo instigante para se tornar Coco Chanel, uma grande influência do século XIX. Assim, o filme perpassa pelas cenas do abandono por seu pai no orfanato, seus trabalhos em cabarés, o surgimento de Coco, a criação de seus primeiros chapéus e o seu sucesso.

coleção de sua marca e deixado um grande legado na moda feminina⁷, que foi a criação das calças próprias para mulheres.

Até o século XIX, o uso das calças compridas era de uso exclusivo dos homens. Apesar dos espartilhos marcarem as cinturas, o uso das calças compridas com modelagem feminina, evidenciariam um maior delineamento do corpo feminino. Portanto, percebe-se que os vestidos longos, recatados, acabavam por servir como estratégia para estabelecer convenções sobre as vestimentas das mulheres e normatizar, quando conviesse, a sensualidade feminina. Essa questão do sexismo atribuído especialmente ao corpo das mulheres, pode ser estendido ao período medieval, pois durante a Idade Média os inquisidores consideravam as mulheres protagonistas de uma sensualidade exagerada da carne e como sendo mais supersticiosas que os homens (KRAMER e SPRENGER, 2015).

Importante lembrar que no século XVIII, em Paris, chegou a ser decretada uma lei que proibia o uso das calças compridas pelas mulheres. A lei surgiu em 1779, no período da Revolução Francesa, quando a burguesia usava calças curtas, chamadas de *culottes*, e a classe trabalhadora, os *sans culottes*, é que usavam calças compridas. As mulheres trabalhadoras que participaram ativamente das mobilizações reivindicaram o uso das calças compridas, e a lei veio para coibir o seu uso por elas, para que não se confundissem com os rebeldes.⁸

Ainda no final do século XIX, as mulheres passaram a praticar esportes e exercícios físicos, entretanto, ainda existiam complicações por conta das vestes: saias pesadas e espartilhos que dificultavam o exercício. Então, para facilitar os movimentos começaram a usar calças bufantes, as quais pareciam mais com uma saia bifurcada. Assim, a primeira calça denominou-se “*Bloomer*”, primeiro traje esportivo com calças compridas, que recebeu o nome em homenagem à Amélia Bloomer, professora e escritora ativista dos direitos das mulheres, que participou da histórica Convenção de Seneca Falls nos Estados Unidos⁹, em 1848 e que escreveu um artigo no seu jornal *The Lily*, estimulando as mulheres a adotarem as

⁷ Informações retiradas do *site*: HEYMANN, Gisela. Coco Chanel, a revolucionária da moda. 05 de maio de 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/coco-chanel-a-revolucionaria-da-moda/> Acesso: 18/09/21.

⁸ Consta que “a última aplicação desta lei foi em 1930, quando o comitê olímpico francês retirou as medalhas da atleta Violette Morris pela insistência dela em usar calças. Em 1892 e 1909 a lei sofreu emendas que permitiram que as mulheres usassem calças apenas se estivessem de bicicleta ou a cavalo”. Considerada uma “peça arqueológica jurídica”, esta lei só foi finalmente extinta em janeiro de 2013, pela Ministra dos Direitos da Mulher da França, Najat Vallaud-Belkacem. (VALVERDE, Revista Glamour, 2013)

⁹ Em Seneca Falls ocorreu em 1848 a Convenção dos Direitos da Mulher, da qual resultou o a “Declaração de Seneca Falls ou Declaração de Sentimentos”, cujo modelo é semelhante ao da Declaração de Independência Americana, e que firma uma série de reivindicações feministas, dentre as quais aquelas que darão corpo à luta pelo sufrágio feminino. Elaborada pelas ativistas Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton resume posturas críticas contra os impedimentos e negações aos direitos civis, jurídicos e econômicos das mulheres. (PRIMI, 2020)

chamadas “pantalonas turcas” em oposição às roupas pesadas. Surgiram assim as calças “bloomers”, no primeiro momento como forma de protestos (FERNANDES, [201-?], p.1).

Figura 2 – Calça Bloomer.



Fonte: (NOVAES, Juliana. 2016).

Como pode se perceber nas imagens, as calças bufantes ainda assim eram associadas aos vestidos rodados, bem como, partiu das características das vestimentas para homens. Portanto, ainda de acordo com Camila Fernandes (201-?), esse modelo de calça foi utilizado nas práticas esportivas devido às reclamações das mulheres por uma moda menos desconfortável e mais adaptável aos corpos femininos para atividades físicas e assim, passou a ser utilizada no ciclismo.

No entanto, essas vestimentas continuaram sendo consideradas masculinas, o que causou polêmica na imprensa da época. De acordo com Gavazza e Ferrari (2020) a moda imposta às mulheres no século XIX era caracterizada pelo forte controle social. Todavia, percebe-se que com Amélia Bloomer, tornou-se possível a atenção das mulheres para a consciência sobre suas vestes:

As feministas veem a feminilidade imposta pelo vestuário como um conceito de padrões masculinos de aparência feminina, os quais enfatizam atributos físicos e sexualidade, estimulando as mulheres a olhar para si mesmas e para outras como os homens. Assim, a primeira e mais conhecida proposta de reforma de vestuário foi o traje apresentado por Amélia Bloomer, na década de 1850, que subvertia diferença entre os gêneros (CRANE *apud*. GAVAZZA e FERRARI, 2020, p. 11).

Como citado, Amélia Bloomer possuiu uma grande representação neste âmbito e propôs um estilo que passou a ser considerado como ideológico e de ameaça, tendo em

consideração que apagaria a distinção entre sexos (GAVAZZA e FERRARI, 2020, p. 12). Dentro dessas colocações, entende-se como havia uma diferenciação entre gêneros a partir das vestimentas, em que as vestes eram designativas de tais diferenças.

É na sequência deste cenário que vemos emergir a proposta de Coco Chanel para a conquista da aceitação das calças compridas com modelagem exclusiva feminina, não mais se assemelhando aos trajes masculinos como as calças bufantes, nem estando somente atrelada ao uso para atividades físicas. Com o desenvolvimento do estilo por Chanel, percebeu-se, então, como a estilista estava atenta ao que as mulheres cidadinas de seu tempo reclamavam: liberdade e conforto unido à moda. Ela foi uma das primeiras a usar calças com um modelo mais largo, de modelagem confortável e leve, popularizando as calças compridas entre as mulheres das camadas altas e médias urbanas.

Figura 3 – Coco Chanel vestindo calças compridas em 1913, ano em que abriu sua primeira loja na Normandia.



Fonte: (Di Biasi, L'official, 2018)

4 PERCURSOS E PERCALÇOS: AS CALÇAS COMPRIDAS FEMININAS NO BRASIL

No Brasil, entretanto, essa popularização demorará um tanto mais. Pelo que indica a imprensa, como a *Revista da Semana* com seus editoriais de moda, nas primeiras décadas do século XX é muito incipiente essa apropriação da calça comprida estilo Chanel. Carmen Soares (2011), trabalhando com periódicos brasileiros que neste contexto voltavam-se para um estilo de vida esportivo, entretanto, enfatiza a preocupação cada vez maior com uma modelagem de roupas, para homens e mulheres, que fossem mais condizentes com o projeto higienista e modernizador da vida urbana no Brasil, num quadro de valorização do corpo e da prática de exercícios físicos, como recomendado pelos médicos. Para a autora:

Seria possível dizer que a estrutura do corpo passou a ser mostrada e destacada pela roupa, possibilitando também maior liberdade de movimento, uma vez que o peso de adornos até então usuais, como o espartilho e saltos muito altos, foi, de certo modo, diminuído e mesmo abandonado. Também os cabelos, antes sempre muito longos, podiam agora ser usados curtos. Elegeram-se, assim, corpos reais, e as roupas das mulheres revelavam certa liberdade, alcançada, também, pela sua confecção com tecidos leves, aderentes ao corpo e com transparência. Até mesmo as calças compridas, que guardavam ainda muitas restrições de uso, eram toleradas. (SOARES, 2011, p. 87)

Este movimento de mudanças gradativas, que Soares (2011) pontua começa a abrir caminho desde a década de 1920, ganhará mais espaço na imprensa ao final da década de 1930 e principalmente na de 1940, quando, no caso da *Revista da Semana*, observa-se que as calças compridas de modelagem e uso feminino começam a aparecer mais, não necessariamente ligadas à prática do esporte, mas associadas a um estilo esportivo, menos formal, remetendo a uma ideia de lazer e sociabilidade em espaços abertos e descontraídos, como inspiradas pelo estilo preconizado por Chanel.

Figura 4 – Representação das calças com modelagem feminina, 1946.

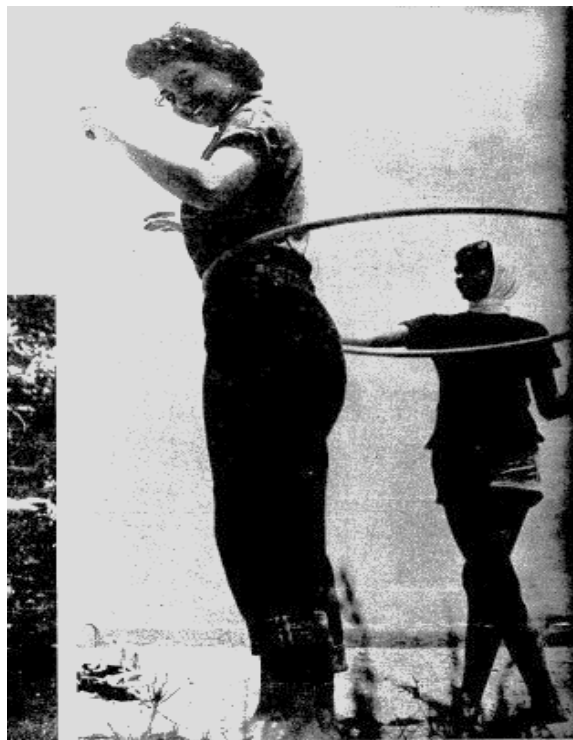


Fonte: Revista da Semana. Rio de Janeiro, 1946, nº 30.

Observa-se na imagem acima dois trajes distintos, mas ambos com influência de uma apropriação de cortes masculinos pelas mulheres: não apenas a calça, mas um casaco, e uma blusa estilo “camisa” que faz composição com a saia, que já não é mais do tipo “rodada”. São trajes que remetem a uma ideia de mulheres em espaços públicos, com roupas mais condizentes com a ideia de leveza, praticidade e velocidade que se associa à vida moderna.

Importante também lembrar que já no final da Segunda Guerra Mundial muitas mulheres tiveram que começar a trabalhar no lugar dos homens, então, a calça passou a ser usada como uniformes das indústrias, ganhando uma força maior e aceitabilidade. Portanto, durante esse período, houve a polarização das calças femininas, um pouco mais justas. De acordo com Silveira (et. al, 2017) a praticidade e a funcionalidade ganha um sentido maior, associadas às indústrias do momento. Essa apropriação das calças femininas proporcionaram um crescimento no uso e, conseqüentemente, a partir de então, passam a ter cada vez mais visibilidade na Revista, diversificando modelos e combinações.

Figura 5 – Representação do uso da calça comprida, 1958.



Fonte: Revista da Semana. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1958, nº 49.

Compreende-se como a mudança e a apropriação do uso de outros estilos da moda pelas mulheres acompanharam e constituíram, em si, um contexto social cheio de significados sobre os deslocamentos vivenciados por estas em sociedade. Como ato de liberação, que tem seus sentidos também político, a diversidade de vestimentas, a melhor adequação aos corpos e aos movimentos, a representação pela indústria da moda, se apresentava também como desejo e necessidade das mulheres, ou de certos grupos de mulheres, enunciam negociações importantes e conquistas pelas mulheres da ocupação de novos espaços. Na imagem acima, por exemplo, tem-se o uso da calça comprida mais justa e atrás, tem-se a utilização de *shorts* com as pernas a mostra. Isso pontua, até certo ponto, o desencarceramento da moda feminina e a força da industrialização das vestimentas.

Em suma, compreende-se que historicamente, a trajetória feminina constitui-se de embates incansáveis intencionando legitimação, autonomia e consolidação de direitos, direitos estes, que vão desde a sua civilidade até a sua participação política, econômica e cultural; mais que isso, a mulher ao longo da história da sociedade luta pelo direito de ser, num contexto em que até a sua própria indumentária é determinada pelos homens. Assim, do mesmo modo que todas as conquistas emancipatórias, como o sufrágio, o direito de estudar e

trabalhar, dentre outros marcos nos trâmites civis das mulheres que foram marcadas por confrontos e repercussões, as transformações na esfera da moda feminina não ficaram de fora.

Como visto anteriormente, a calça comprida, era uma peça indumentária, até então exclusivamente masculina, como abordado por Gonçalves: “[...] nas culturas ocidentais as calças eram consideradas vestimentas exclusivas dos homens e seu uso por mulheres foi um dos mais potentes símbolos de sua emancipação.” (GONÇALES, 2019, p. 107). Como visto, essa passou a ser incluída no guarda-roupa feminino inicialmente em Paris, por uma ideiação de Coco Chanel com modelagem própria para mulheres; fato que naturalmente provocou inúmeras reações na sociedade daquela época, visto que, “a moda, [...], representava para o sexo feminino uma forma de afirmação social” (GONÇALES, 2019, p. 21).

Já o Brasil sofria as influências destas mudanças, através das publicações jornalísticas, meios informativos da vida urbana naquele momento, que o público feminino já conseguia participar, produzindo e consumindo. De acordo com Gonçalves (2019):

Acompanhar a moda europeia passou a ser um hábito das brasileiras dos estratos mais abastados, ou mesmo daquelas que podiam encomendar com costureiras locais ou costurar em casa a cópia de modelos divulgados nos jornais e revistas, atitudes que concorreram para a modificação de sua aparência e seus comportamentos (GONÇALES, 2019, p. 21).

O vestuário, era também mais uma forma de adestrar e castrar o corpo feminino e através dele, consubstanciava-se o sistema patriarcal, visto que as peças indumentárias visavam reforçar e forjar os ideais de identidade feminina pautada em fragilidade, sensualidade, refinamento social e submissão. A partir das transformações socioculturais que aconteciam gradativamente no cenário nacional, com mulheres ocupando as várias esferas cada vez mais, inclusive assumindo funções e profissões atribuídas anteriormente aos homens, mostrou-se necessário que o guarda-roupa feminino acompanhasse a revolução e proclamasse o início de uma nova era, assim, Gonçalves traz que é com essa tensão entre o ideal de feminilidade restritivo e a ampliação da mulher na esfera pública que se tem a disseminação de peças de roupas vinculadas aos trajes masculinos para a utilização por mulheres nos periódicos brasileiros (GONÇALES, 2019, p. 29).

4.1 A(s) pioneira(s) no uso das calças compridas no Brasil

Observou-se uma certa fragilidade na literatura no tocante de pesquisas que buscam investigar os desdobramentos da adesão da calça comprida no Brasil pelo público feminino, não enquanto roupa de baixo ou traje de banho, mas como vestimenta legítima no cotidiano das mulheres. Portanto, não foi possível identificar com exatidão quem foi a primeira mulher

em território nacional a adotar o novo estilo. Todavia, ainda valendo-se do estudo de Gonçalves (2019), que considera os periódicos daquela época como fonte essencial para o acercamento da moda no Brasil, constatamos um episódio que retrata uma das prováveis pioneiras:

No ano de 1911, uma grande confusão no centro do Rio de Janeiro ocorreu por causa do uso de uma saia-calça por Madame Lespinasse. Tal acontecimento ganhou destaque em jornais de grande circulação como o *Correio da Manhã* e as revistas *Fon-fon!* e *A Careta*, gerando discussões sobre o seu uso (GONÇALES, 2019, p. 32).

De acordo com uma entrevista divulgada pelo site do G1, realizada em 2019, pelo Jornal *Meio Dia* do Paraná, tem-se a entrevista de uma das primeiras mulheres a lutar por seus direitos civis. Elvira Kenski, com 104 anos na data da entrevista, foi protagonista de seu tempo na busca por igualdade, sendo a mulher pioneira a usar calça em Curitiba, na década de 1940. Na entrevista, relata que foi um fato chocante para época. Dessa forma, é entendido que o uso das calças compridas se iniciou como sendo uma atitude insolente, sendo alvo de crítica dos defensores das etiquetas e das regras sociais, uma vez que contrariou os padrões normativos estabelecidos para mulheres naquela época.

Elvira Kenski conta que *“Rapazes e moças paravam e ficavam olhando”*, uma vez que moças ainda não estavam acostumadas com a ideia do uso das calças compridas e não associavam à questão da independência feminina pelos costumes dos longos vestidos. Ela ainda menciona que ouvia comentários inapropriados, como: *“Roubou a calça do marido?”*. Elvira, compartilha ainda uma de suas falas em resposta a essas menções: *“Você tem mãe? Você tem irmãs? Coitadas! Os senhores têm todos os direitos e nós? Nada! Então a nossa luta não é contra os senhores, é contra os seus direitos que nós também queremos iguais aos seus”*. Com as falas de Elvira, percebe-se a consciência a partir das vestimentas, expressando a vontade dos direitos igualitários vestindo-se “iguais” aos homens da época.¹⁰

Contudo, apesar destas apropriações que representam deslocamentos importantes, não se pode esquecer o que diz Matos:

Se nos anos 1940 a moda feminina se aproximou, de certa forma, da masculina, com formas retas, simples e, até mesmo, incorporando itens do vestuário masculino, na década seguinte a tendência era buscar transmitir as características da feminilidade quais sejam, a delicadeza, fragilidade e, conseqüentemente, dependência e necessidade de proteção da mulher por parte do homem. (MATOS, 2010, p.03)

¹⁰ Elvira Kenski. Reportagem realizada em 03 de março de 2019, Jornal Meio Dia, no Paraná. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/pr/parana/noticia/2019/03/08/aos-104-anos-dona-elvira-relembra-como-foi-ser-a-1a-mulher-a-usar-calca-comprida-em-curitiba.ghtml>.

A autora segue lembrando que assim como o Brasil adotou, com algumas ressalvas, as tendências internacionais de modernização e liberação feminina, impulsionadas no Pós-Guerra e pelo desenvolvimento econômico dela decorrente, que incorporou a mão-de-obra feminina, mas “também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que pregavam a volta da mulher ao lar e aos valores tradicionais da sociedade”. (MATOS, 2010, p.04)

Assim, entre avanços e recuos, a moda vai representando o próprio percurso e os entraves vivenciados pelas mulheres e suas lutas ao longo do século passado. No caso da calça comprida, Carmen Soares (2011, p. 87) vai afirmar que o seu uso corrente e sem preconceitos, “em qualquer ambiente, só ocorreu na década de 1960, quando as mulheres, por exemplo, mesmo usando essa peça vestimentar, não eram mais impedidas de entrar em bares, restaurantes e outros estabelecimentos”. Portanto, tem-se todo um processo, em que mesmo com o seu surgimento no século XX, foi necessário perpassar por várias décadas até sua aceitação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a História do uso das calças e as influências de Coco Chanel para essa revolução no meio da moda feminina, é pensar as consequências emancipacionistas proporcionadas às mulheres que viviam sobre um controle rigoroso das vestimentas no século XIX. A observação do uso dos espartilhos apertados, saias, vestidos longos pesados e rodados pôde significar o poder da sociedade patriarcal, com homens concentrando privilégios no meio econômico, político e social que foi refletido nas roupagens, pois as mulheres deveriam manter-se em um único lugar: no lar, na maternidade, dedicada ao bem-estar dos seus maridos, mantendo a elegância recatada para que demonstrasse o atributo dos homens.

Importante destacar que na transição entre os séculos XIX e XX ocorreram mobilizações de mulheres, muitas de caráter feministas, que propuseram a independência feminina em vários aspectos, em especial na Europa e nos Estados Unidos, refletindo-se também nos modos de vestir, como pode ser destacado pelo uso da calça comprida que representou aspectos de liberdade para as mulheres que, ainda naquele momento, eram obrigadas a estarem de cintas, espartilho e outras roupas desconfortáveis para adequarem-se as ideias ainda resistentes do sistema patriarcal.

A trajetória das mulheres dentro da História é marcada pela presença em diferentes lugares de reivindicação de direitos, desde o voto, a educação, profissionalização, a ocupação de lugares públicos, a configuração de papéis dentro das relações amorosas e sexuais, às

questões contraceptivas e de liberdade quanto ao seu corpo, etc., que foram suscitados pela conquista através de lutas. A moda vem, pois, acompanhando e representando essas lutas e conquistas através do tempo.

Muitas foram as mulheres que através de seus recursos de luta – palavras faladas, escritas, tecidos, desenhos, linhas... – construíram essa história. Coco Chanel é um exemplo central desta narrativa, sendo ela própria referência da apropriação e ocupação de novos espaços pelas mulheres, no campo profissional, na economia, nas variadas formas de sociabilidade. Utilizou-se da moda ao seu favor e se tornou grande personagem para a propor o que seria considerado uma revolução na história da moda feminina.

A história do uso da calça comprida pelas mulheres é, portanto, bastante representativa dos embates para que as mulheres pudessem ocupar espaços antes restritos aos homens; uma história marcada por avanços e recuos, que muito fala das formas de compreensão e das tentativas de controle sobre as mulheres, suas imagens e seus corpos. Entende-se que ainda existe um caminho grande a percorrer para a conquista dos direitos que as mulheres realmente precisam, seja no âmbito da moda ou em diversos outros âmbitos sociais, políticos e econômicos.

No meio da moda, até os dias atuais, mulheres são julgadas por suas vestes, em que comentários associados a vulgaridade são persistentes. Um século após o surgimento das calças compridas com modelagem feminina, significando o primeiro passo importante para a independência, ainda sim querem ditar o que mulheres devem e o que não devem vestir. Portanto, do mesmo modo que buscam limitar as mulheres pelas vestes, as suas roupas acabam por ditar o desejo de quem luta pelo seu lugar. Com isso, mulheres continuarão gritando pelas vestimentas que lhes propõem o processo emancipacionista que buscará ajudar a potencializar o seu verdadeiro espaço desejado, seja na política, no meio econômico e social.

REFERÊNCIAS

Livros, artigos e trabalhos acadêmicos:

BENINCÁ, Mauren Vieira. **A História Indumentária Feminina No Séc. XX: As Relações Sociais Pela Perspectiva Da Moda Em São Paulo No Início Dos Anos 20.** Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2018.

BRANDINI, Valéria. Moda, Cultura De Consumo E Modernidade No Século XIX. **REVISTA SIGNOS DO CONSUMO** – V.1, N.1, 2009. P. 74–101.

CAMARGOS, Talita. **História das calças:** entenda como a peça revolucionou a vida de homens e mulheres. Disponível em: <https://w3uniformes.com.br/historia-das-calças/>. Acesso: 28 de setembro de 2021.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997, pp. 223-240.

FERNANDES, Camila Aparecida Carneiro. **O Bloomer, o machismo e os esportes.** [201-?]. Disponível em: https://www.academia.edu/26881541/O_Bloomer_o_machismo_e_os_esportes. Acesso: 16 de setembro de 2021.

GAVAZZA, Júlia Pereira Penna; FERRARI, Fernanda Bonizol. **Vestidas de Luta.** Associação Propagadora Esdeva Centro Universitário UniAcademia – Juiz de Fora, 2020.

GONÇALES, Guilherme Domingues. **Mulheres Engravatadas: Moda E Comportamento Feminino No Brasil, 1851-1911.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Mestrado em História, 2019.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. “Questão VI – Sobre as bruxas que copulam com Demônios. Por que principalmente as mulheres se entregam às superstições diabólicas”. In: **O martelo das feitiçeras.** 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015, pp. 673-742.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** 3. ed., 3º reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018, pp. 111-154.

MATOS, Juscelina B. Anjos. Papéis de mulher: moda, identidade e gênero. **Anais do VI ENECULT,** Facom, Bahia, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24501.pdf>. Acesso: 20/09/21.

MORGANTE, Mirela M. NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH,** Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em 16/09/21.

OLIVEIRA, Talita Souza de. **Moda:** um fator social. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciência Têxtil e Moda. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-13052013-161455/publico/A_Z.pdf.

Acesso em 20/09/2021.

PIRES, Herculano G. Mulheres e roupa: o empoderamento feminino como meio de discurso na Belle Époque carioca. **Anais do II Seminário Internacional de História do tempo presente**. 2014. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/232/150>. Acesso: 21/09/21.

PRIMI, Juliana. As mulheres e os outros, as mulheres e o mundo: o feminismo, as mulheres e a sociedade. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades**. Junho, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7579/5321>. Acesso em 22/09/21.

SANTOS, Rochelle Cristina dos. A História inventando moda: a influência da memória na criação de coleções de moda com referências no passado. **Rev. Modapalavra E-periódico**. Ano 3, n.5, jan-jun, 2010.

SANTOS, Georgia M. de Castro. **A Roupa, a Moda e a Mulher na Europa Ocidental Medieval**: reflexos da opressão sofrida pela mulher na Idade Média (século: XI-XV). Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

SILVA, Ângela A. Gimenes; VALÊNCIA, Maria Cristina Palhares. **História da Moda**: da Idade Média à contemporaneidade. Acervo bibliográfico do Senac – Campus Santo Amaro. CRB-8 Digital, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 102-112, jan. 2012.

SILVA, Marcelo Cândido. A fabricação da Idade Média. In: **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 137-156.

SILVEIRA, Laiana Pereira, et. al. A versatilidade da roupa feminina e a luta diária da mulher durante a segunda guerra mundial. **Rev. Poliedro**, Pelotas, v. 01, n. 01, 2017, pp. 129-138.

SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos novos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo. (Brasil, 1920-1940). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 81-96, set./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/4YYY8P9Vg6jQBGpKRqkDkYz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19/09/21.

STREY, Marlene Neves. Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 13, dezembro 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3090/2366>. Acesso em: 14/09/21.

VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Claudia; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010

Revistas e sites:

Revista da Semana. 1930 -1950. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>. Acesso em 10/09/21

DI BIASI, Fernanda. Coco Chanel: saiba fatos marcantes de sua história. Disponível em: <https://www.revistalofficiel.com.br/moda/10-fatos-sobre-coco-chanel>. Acesso em 21/09/21.

HEYMANN, Gisela. Coco Chanel, a revolucionária da moda. 05 de maio de 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/coco-chanel-a-revolucionaria-da-moda/> Acesso: 18/09/21.

NOVAES, Juliana. A primeira calça feminina: *Bloomer*. Disponível em: <https://modaoldlook.wixsite.com/blog/single-post/2016/04/21/a-primeira-cal%C3%A7a-feminina-bloomer>. Acesso: 20/09/21.

VALVERDE, Aline. **Lei que proibia calça comprida para mulheres acaba de cair.** Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Moda/noticia/2013/02/mulher-calças-compridas-paris-lei-chanel.html>. Acesso em 21/09/21.